

Palacio das cortes em Turin

Antes da recente união da Italia sob o sceptro de Victor Manuel, o parlamento sardo fazia as suas sessões n'uma grande sala do palacio chamado de «Madame», cuja fachada representa a nossa estampa. Para a reunião dos representantes do novo reino de Italia fez-se um edificio provisorio de ligeira construcção.

Foi porém no antigo palacio que se abriram as cortes piemontezas, d'onde se deriva a independencia de que hoje goza a Italia.

Além do salão das sessões, tem este palacio magnificos aposentos, e treze salas que servem de galeria de bellas artes.

Na primeira estão os dois preciosos quadros de Albano, a «Hermaphrodita, e «Os quatro elementos». Na segunda o «Homero», de Murillo; o retrato em pé, de «Cosme de Medicis» de Brandisono; os «Tres Genios» de Dominiquino; a «Magdalena» e o «Retrato de Paulo III», de Ticiano; o «Samsão», o «Descendimento da Cruz» e o «Baccho», de Guido; o «S. Thomaz» de Julio Romano; o «S. Jeronymo» de André del Sarto; o «Prodigo» e o «S. Francisco», de Guercino; a «Rebeca» de Pietro de Cortona, assim como outros, obras dos principaes pintores.

Nas demais salas ha tambem muitos quadros dos primeiros artistas das escholas italiana, flamenga e franceza.

Em uma das torres d'este palacio está estabelecido o observatorio astronomico, que é um dos mais ricos em instrumentos mathematicos.

A cidade de Turin deve ser conhecida pelos portuguezes, porque ha n'aquella capital uma rua nova denominada do Porto, em memoria do honroso acôlhimento que os seus habitantes fizeram ao infeliz monarcha piemontez, Carlos Alberto, quando elle para alli se retirou depois da sua abdicação. Os portuenses gozam tambem por esse motivo do honroso titulo de cidadãos de Turin.

El-rei Victor Manuel, honrou ha pouco o nosso insigne collaborador Mendes Leal Junior, com a commenda de Carlos Alberto, por elle ter advogado eloquentemente na imprensa periodica de Portugal, a unificação da Italia

Esta cidade, situada na confluencia dos rios Pó e Dora, proxima aos Alpes, é das mais consideraveis da Italia. Tem 84 ruas, 13 praças e 4 theatros. 110 egrejas e ermidas, sendo o mais notavel dos seus templos a egreja da Madre de Deus, situada na grande praça de Victor Manuel, similhando o pantheon de Roma, feita pelo desenho do architecto Bonsignori. De egual notabilidade goza a cathedral, onde está a famosa capella do Santo Sudario.

Tem uma universidade, cujo ensino abraça todos os conhecimentos humanos, com jardim botanico, um gabinete de antiguidades etc. O museu egypcio é o melhor que se conhece no mundo, e foi n'elle que Champollion fez os estudos para a sua obra monumental. Possue este museu 200 papyros, além de outros manuscriptos unicos.

A bibliotheca publica tem mais de 180:000 volumes impressos; 370 manuscriptos gregos, 1:200 latinos, e 170 hebraicos, afóra outros em diversas linguas. Está alli o codice da *Imitação de Christo*, chamado vulgarmente o manuscripto de Arona.

Tem uma academia de sciencias, e outra de bellas-artes, onde ha originaes de Raphael, de Alberto Durer, Luino, Van-Dych, e outros mestres.

Terá hoje 140:000 habitantes.

OS COSMETICOS

TRADUCÇÃO PARAPHRASTICA DE OVIDIO POR ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, QUE A OFFERECE AO SEU OPTIMO CONFRADE ANTONIO DA SILVA TULLIO

Abro eschola; professo lindeza.
Vinde, vinde ao meu curso, ó donzellas.
Arte ajuda a feliz natureza;
arte a supre; sem arte, onde ha bellas?

Arte em fim á fugaz formosura
prende os vôos, impõe duração.
Vinde, vinde! o que póde a cultura,
té os campos a rir vos dirão.

Solo bruto, que ha pouco foi mato,
espinhoso, intratavel, agreste,
hoje, graças ao próvido trato,
d'aureas messes canóras se veste.

Linda copa assombreia esse tronco!
dá co'a fruta ufania ao pomar!
Era um lenho agro em fructos e bronco,
se o não vem mão sabida enxertar.

Só o esmero captiva. Bem vêdes
um palacio: oiro os tectos a pleno!
a pintura a cobrir as paredes!
alvo marmore o escuro terreno!

De carneiros a esquálida lã
sáe das tyrias caldeiras em grã.
Dente bruto de indiano elephante
lavra ornatos ao luxo elegante.
Assim vós, se anhelaes perfeições,
ouvi-me as lições.

Não duvido que as rusticas beldades
lá das eras de Tacio (oh tempos santos!)
preferissem o amanho das herdades
á cultura dos proprios seus encantos.

Grave então a matrona rubicunda
e rotunda,
levava todo o dia,
sentada no escabelo que gemia,
a sacar massaroca e massaroca
da empantufada roca.

Posto o sol, ao volver do monte o gado,
lanigero e balante,
pela filha guardado,
pegureirinha esbelta e vigilante,
era ella mesma, a economa caseira,
quem ao portal do aprisco ia ordenhal-o,
recontal-o,
e fechal-o.
Passava á cozinha, cevava a fogueira
co'os seccos sarmentos podados da vinha;
rachava-lhe a lenha que em medas já tinha,
e sobre lhe impunha, cantando á lareira,
a farta caldeira que a ceia continha.

Vós, formosas d'hoje em dia
já não sois como essas eram,
gente rude e sem valia;
vossas mães á luz vos deram
mais mimosas, mais divinas,
de mais gosto em fim dotadas
que as sabinas:
quereis vestes recamadas;
nos cabellos perfumados
quereis ver
sempre novos penteados;
sempre os dedos elegantes
co'os anneis mais rutilantes
que no mundo possa haver,
para a inveja se morder
de os não ter;
o pescoço alvinitente
pede aos mares do Oriente
perlas taes para collar,
que uma só posta em pingente
já vos faz co'o peso ingente
branda orelha magoar.

Longe de mim ousar censura
ao vosso empenho de agradar;
ingratidão, sobre loucura,
seria em nós tal censurar;
quando assim cubiçaes crescer em formosura
é só co'a mira em nós, é por nos encantar.
Não vos crimino, antes vos louvo:
seguis o instincto, e fazeis bem;
não vemos nós agora em nosso marcio povo
homens ornarem-se tambem!
Já quasi, quasi, eguala ao vosso
o toucador do sexo nosso.
Extremar-se do amante em vão a amada quer,
e em galas o marido hombrêa co'a mulher.
Deixemol-os porém; a vós, minhas senhoras,
sei eu, e já vos disse,
fica-vos bem usar de toda a garridice,
mesmo sem a ambição de serdes caçadoras.
Que é o luxo? um aceio;
e acear-se uma dama acaso será feio?
Depois, repito, o instincto é n'isto o vosso mestre;
mesmo a que vive toda em solidão campestre
tem pente, e para enfeite apanha a flor dos mattos;
vivesse entre alcantis do Athos mais alpestre,
não gostava que a visse inculta o proprio Athos.
Sem serem vãs como Narciso,
sentem certo regalo, até as de mais siso,
em dizerem comsigo: «estou muito a meu gosto!»
A virgem mais boçal, mais virgem, quando fita
olhos no argenteo espelho, e vê lá rir-lhe um rosto,
volve (o porquê, não sabe) a rir de ser bonita.
Que muito? o pavão mesmo, inchado co'os louvores,
abre a plumosa roda e mudo ostenta as côres.

Enfeitae-vos; alindae-vos:
que são tantos os encantos
que assumis do toucador,
que das hervas mais protervas,
nem magia comporia
peior filtro ao nosso amor.

Isto; sim, que é real! o mais são vãs chimeras;
plantas, mixtas poções, venenos d'egua amante.
são fabula, e são crime; ¿ estoiram serpes feras,
reflue um rio á voz de um magico descante?!
bronzes a tintinar, farão da rota sua
saltar fugida a lua?!

Ás artes magicas,
sempre impotentes,
sois imprudentes
se ides rogar
o que os céos prodigos
em vós hão posto,
e que por gosto
nos leva a amar.

Vosso primeiro empenho, e o mais constante,
caro auditorio, ao animo se deve;
que onde a alma é gentil, gentil fica o semblante.

Quem o amor crê fugaz, julga-o de leve;
não é fugaz o amor quando se adora
o que de rugas zomba, e escapa a cans e a neve.

Virá tempo em que o espelho, amado agora
vos turbe, vos consterne e impaciente,
crepusculo mostrando... o que era ha pouco aurora!

Os dons moraes, os meritos da mente,
da propria natureza estão seguros;
tem seu destino em si, não tremem de futuros;
tem o amor a seus pés, reinam perpetuamente.

LENDAS NACIONAES

I

TOMADA DE SANTAREM

1147

(Vid. pag. 55)

III

Em fim chegou o momento tão anciosamente esperado. D. Affonso Henriques, apenas sentiu rumor nos aposentos proximos, correu para a porta da sala, onde recebeu nos braços o dedicado mensageiro.

Durante alguns minutos estiveram unidos em estreito abraço, sem proferir uma só palavra; mas dizendo mil coisas na expressão da physionomia, e na linguagem energica dos olhos.

El-rei, com as potencias d'alma todas suspensas dos labios do mensageiro, antes de aventurar a pergunta, como quem se teme da resposta, procurava-lhe no gesto a confirmação d'aquella alegria, que de longe traduzira em annuncio bom.

E Mem Ramires, anciado pela fadiga; suffocado pelo prazer das boas novas, que trazia; enleiado e commovido pelo honroso acolhimento que lhe el-rei fizera, não podia fallar, que se lhe prendiam as phrases na garganta. Rompeu D. Affonso o silencio.

— Então, Mem Ramires, trazeis-me esperanças, ou desenganos?

— Esperanças, senhor, e muitas esperanças!

— Fallae, pois; contae-me tudo miudamente. Como atravessastes tantas terras de infieis, indo e vindo incolume? Como entrastes em Santarem? Como vos recebeu Auzechri? Deixaram-vos ver bem o que era mister, que visseis? É a praça inconquistavel, como a apregôa a fama, e segundo o dizer dos que a conhecem? Pareceu-vos o alcaide tão valente e ousado quanto é feroz e cruel? E os meus pobres templarios? E o bom servo de Deus, o velho prior de Soure? Ainda são vivos? Ainda jazem no fundo de um carcere? Consentiram os verdugos, que levasseis a esses infelizes o doce balsamo da consolação, e o conforto da esperança?

— Padeci, verdade é, alguns trabalhos; ameaçaram-me bastantes perigos; e, peior que tudo isto, soffri injurias atrozes d'aquelles perros infieis. Porém achei resignação, e forças para affrontar tudo no fogo da fé christã, que nunca me deixou de aquecer o peito; na dedicação e lealdade ao meu soberano, e no amor da minha patria. E como a obra, de que vos aprouve fazer-me instrumento, é tambem do serviço de Deus, guiou-me a Providencia por entre tantos escolhos e parceis.

«Disfarçado, pois, nas vestes de peregrino, fui atravessando essa moirisma até aos muros de Santarem. A pobreza e humildade, que ostentava, serviram-me de escudo contra a sanha dos agarenos. Apresentei-me na praça como enviado christão, portador de propostas de tregoas.

«Em quanto foram levar o recado ao alcaide, fizeram-me esperar da parte de fóra dos fossos. Nunca o tempo me correu mais vagarosamente, nem a minha paciencia e resignação se viram nunca expostas a mais duras provas. Attrahidos da curiosidade, em breve coroaram as muralhas milhares de sarracenos que romperam á porfia contra mim, e contra a nossa santa religião, em mil sarcasmos e improperios. Por fortuna era de cima das ameias, que assim blasphemavam aquelles malditos, que se os tivera a talho de mão, talvez, de certo, que me esquecêra da minha missão, para sómente me lembrar de que á honra de christão e de cavalleiro cumpria lavar a injuria, ainda á custa da vida, no sangue vil d'aquella vilissima raça!

«Veiu por fim a resposta do alcaide, ordenando que me levassem á sua presença. Pensei sair do purgatorio, mas o purgatorio continuou-me, só com a differença do logar. Á porta da fortaleza e pelas ruas do transito era tamanha a multidão de moiros, de ambos os sexos, e de todas as idades, que mal podiamos caminhar, eu e quatro alentados sarracenos, que me conduziam. Aos insultos da gentalha accresciam d'esta vez alguns actos de violencia. Mas então zombava de tudo isso, porque me achava dentro de Santarem; e ahi nem os ouvidos me transmittiam as vozes da plebe, nem o meu corpo se sentia dos maus tratos. Concentrára-se-me todo o sentimento e a vida na vista e na memoria; na vista para devassar os segredos da soberba Santarem, atravez do emmaranhado labyrintho de suas ruas estreitas e tortuosas; na memoria para vos referir fielmente tudo o que os meus olhos podessem ver. Antes d'isso, porém, devo-vos contar o modo por que me recebeu o alcaide.

«É Auzechri um velho de estatura meã, tão fero na presença, como terrivel na fama. Contrasta-lhe a alvura dos cabellos com o tisnado de seu comprido rosto. O nariz adunco, como o bico das aves de rapina; os olhos penetrantes, cheios de fogo, parecendo faiscar como os da aguia; a fronte e as faces cavadas em profundas rugas, como espelho do mar de paixões violentas, que lhe ondêa e referve n'alma; os beiços delgadissimos, e assimilhando-se mais ás bordas de uma cortadura, que a labios humanos; a soberba e a arrogancia, a ira e o desdem contrahindo-lhe alternativamente as feições, dão uma expressão diabolica ao semblante do altivo moiro. N'elle são desmentidos os annos pela firmeza e tesura do corpo, que mostram forças viris, e pela rapidez dos movimentos, que ainda revelam a agilidade e energia do mancebo. Vendo-o, comprehende-se facilmente esse ascendente absoluto, que elle tem, não só na cidade, mas sobre todos os moiros da Estremadura. Comprehende-se essa influencia fatal, onde os seus soldados vão buscar novo alento e vigor novo, quando sentem no campo da batalha esmorecer-lhe o animo e fraquejarem-lhes os membros. Vendo-o, fica explicada cabalmente a maravilha das suas victorias, e a impotencia do nosso valor diante de tão formidavel inimigo.

«O alcaide estava sentado em almofadas de brocado, n'uma esplendida sala dos seus paços, onde vi, com mal contida indignação, servindo de ornatos profanos muitos vasos sagrados dos nossos templos. Em volta de si tinha Auzechri uma pequena corte de guerreiros, e de escravos.

«Lançada para longe de mim a mascara da humildade, aproximei-me d'elle com segurança e resolução, fazendo todavia o possivel para reprimir assomos do orgulho, e rancor, que me abafavam o coração. Ou fosse affectação, ou me perscrutasse os sen-

timentos intimos, e quizesse castigar-me, encarou-me o alcaide com desprezo, perguntando com desdenhoso enfado ao que vinha alli, o que pretendia d'elle.

«Desencarreguei-me, então, da minha supposta embaixada, offerecendo-lhe tregoas da vossa parte. Era a offerta bem lisonjeira para quem, como elle, via das janellas do seu paço campos tão extensos, cobertos de tão bellas cearas, que pareciam pedir paz para dar em realidades o que estavam promettendo em esperanças. Comtudo, só depois de alguns meneios, feitos adrede para encobrir alegrias, e fingir duvida e má vontade, annuiu Auzechri, e ajustaram-se os capitulos das tregoas. Na despedida alcancei permissão para visitar os nossos irmãos captivos.

«Gemem os tristes n'um carcere subterraneo, medonho e infecto, por baixo de uma das torres da alcaçova. As trevas, que ahi reinam, nunca foram dissipadas, nem tenuemente modificadas pela luz do dia. Ao clarão de um facho, que o meu guia empunhava, pude ver o quadro lastimoso, que tinha diante de mim n'esse antro horrivel.

«Se visseis como alli jaziam, macilentos e definhados, mais espectros que homens vivos, aquelles valorosos templarios que ha tres annos tamanhas proezas commetteram na defensa das terras de Soure, assoladas pelo leão d'Africa, por esse implacavel Auzechri! Se visseis aquelles bravos campeões da fé, que não podendo vencer o peso dos moiros, que os esmagava, arremeçavam-se com a furia do raio contra as phalanges compactas dos inimigos, e como o raio abriam caminho, destruindo tudo na passagem, e só rendendo a liberdade depois de saciada a vingança! Se visseis, senhor, ao que estavam reduzidos tão altos brios, tanta actividade, tanta energia e bravura, o vosso coração apertar-se-hia dolorosamente, como se me apertou o meu, e os vossos olhos não acreditariam no que estavam vendo!

«Ficaram immoveis, e pasmados como se a minha apparição fôra coisa sobrenatural. Figurou-se-lhes ser o anjo da consolação, que vinha dispol-os, e dar-lhes força para o martyrio. E quando me reconheceram, e souberam o que me havia trazido a Santarem, e o que me levava áquelle logar de afflicção e miseria, lançaram-se-me nos braços, pedindo, com a voz afogada em soluços, que vos desimaginasse da empreza temeraria, que havieis concebido! *Santarem é inconquistavel, diziam elles; não ha valor, nem braço humano, que possa erguer-se tão alto, que chegue ao cume da rocha escarpada, em que repoisam os alicerces da Alcaçova; ou que alcance firmar um estandarte sobre as ameias dos altissimos muros da praça. Ai del-rei! se, mal aconselhado, fiando tudo da grandeza do seu animo, que não conhece perigo nem difficuldade, ousar arrostar a sanha da fera n'este covil, que a natureza eriçou de penhascos, e que as mãos dos homens fortaleceram ainda com montanhas de pedraria acastellada! Ai del-rei, e do reino! se tal tentar. Para tomar Santarem, não tem forças todo Portugal. E para nós, irmão, não ha salvação possivel, senão a que imploramos, e esperamos de Deus para a nossa alma, pelo sangue sagrado do seu Filho unigenito, e pelos merecimentos da Virgem Maria!*

«E em seguida debuxaram-me em quadro de negras côres o aspecto carrancudo do altivo baluarte do islamismo. Mas n'esse proprio quadro, onde o seu espirito, vergando sob o peso do infortunio, só punha sombras, pude eu ver luz, que me ha de guiar, que vos guiará, senhor, no alcance do objecto de todos os vossos cuidados e desejos.

«Alentado então por essa luz, que me illuminou a alma, parecendo abrazar-me o coração; exaltado pela esperança, e pela fé; achei no meu esteril entendimento phrases eloquentes e persuasivas com que transmitti, áquelles infelizes descoroçoados, a minha esperança e a minha fé!

Não encontrei entre os captivos o velho prior de Soure. Os primeiros tempos do captiveiro passou-os Martinho na companhia dos seus templarios, fazendo-lhes leves as algemas com a unção das suas caridosas consolações. Depois levaram-n'o os verdugos para Evora, d'ahi para Sevilha, de lá para Cordova. Onde hoje pára o veneravel ancião só Deus o sabe; mas creio firmemente, que na terra, ou no ceo, quer nos tormentos do seu longo martyrio, quer nas glorias da bemaventurança, estará orando com o fervor de um predestinado, pela dilatação da egreja de Jesus Christo, e pelo augmento do vosso reino.

«E creio tambem na intercessão do santo varão a prol da santa causa, que nos tem aqui reunidos!»

Mem Ramires continuou a sua narração, descrevendo minuciosamente as fortificações da praça; referindo os meios de resistencia, que n'ella viu, e calculando-lhe o numero de defensores. Dando todo o relevo da verdade á elevação temerosa dos seus despenhadeiros; á grandeza e valentia das suas muralhas, torres e barbacans; á profundidade e largura dos fossos; ás avultadas phalanges de aguerridos soldados; á vigilancia continua de numerosas atalayas; mostrou, com a mesma exactidão, onde a praça fraquejava, ou onde não era tão forte, que se não podesse tentar por ahi a expugnação.

— Pois lá iremos, Mem Ramires, bradou el-rei com os olhos incendidos de enthusiasmo. Veremos se essa orgulhosa Santarem será inexpugnavel diante d'esta espada, que Jesus Christo fez victoriosa nos plainos de Ourique! Sim, lá iremos em breve resgatar d'esse inferno de vivos os meus pobres templarios, e vingar o desditoso Martinho. Iremos, e havemos de vencer, Mem Ramires, porque me chamam de lá os brados de tantos martyres; porque tenho de pagar no sangue d'esse execrando alcaide divida sagrada do mais puro sangue dos meus vassallos! Iremos, e venceremos, porque é a patria quem me impelle, e Deus quem me arma o braço!

— Seja ámanhã o dia, meu rei e senhor, e eu vos juro por este signal da redempção que me vêdes sobre o peito, que ha de ser Mem Ramires o primeiro que hasteará sobre as muralhas da praça o vosso glorioso pendão, e tambem o primeiro que fará saltar dos gonzos a porta por onde haveis de entrar triumphante em Santarem!

Respondeu-lhe el-rei com significativo apertar de mão; e, recommendando-lhe o maior segredo, saíram da sala pressurosos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O COUTEIRO-MÓR

CONTO DE ALEXANDRE DUMAS — VERSÃO DE L. A. LUDOVICE DA GAMA

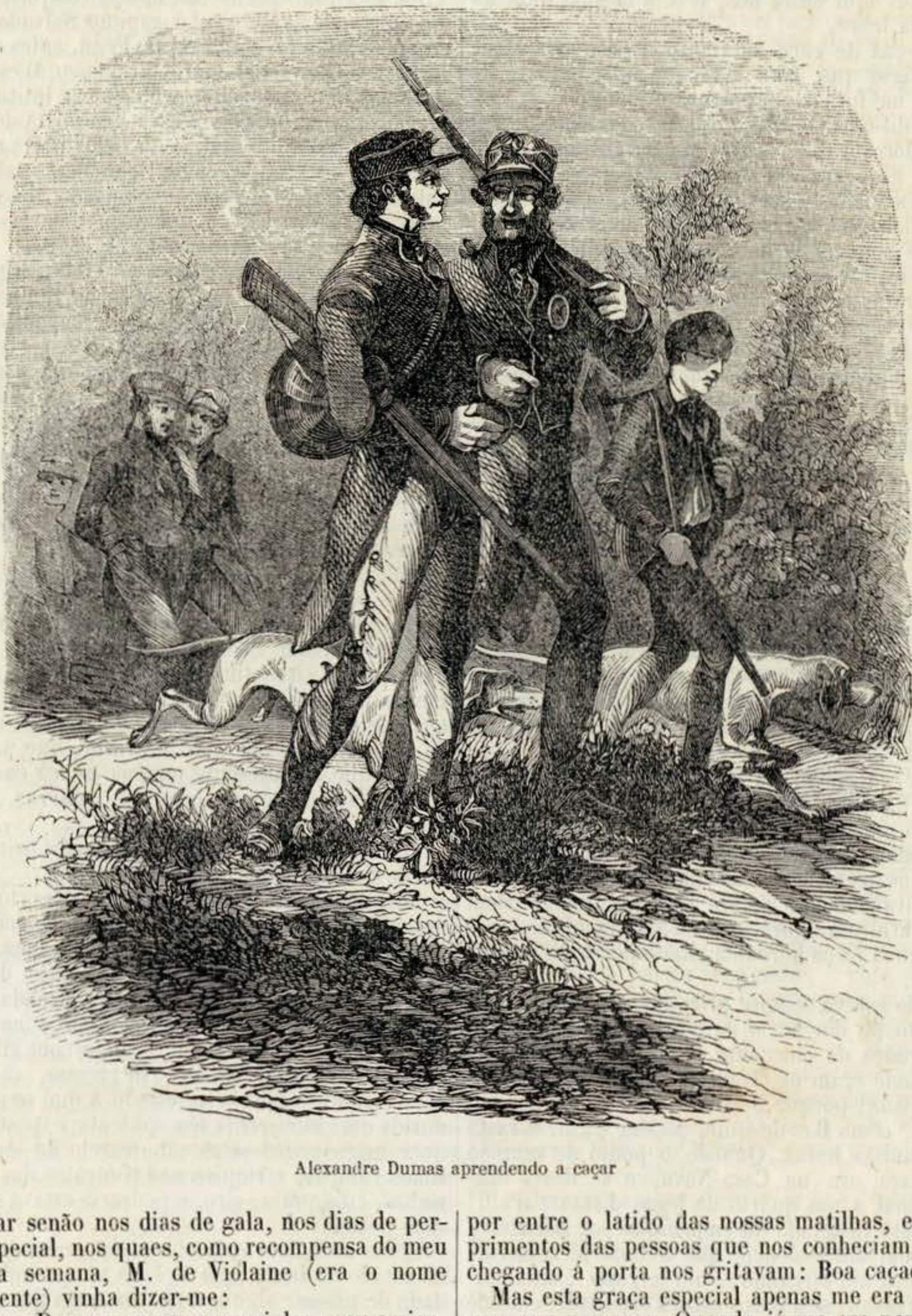
Não é uma novella, nem um romance, nem um drama o que vou contar-vos; é apenas uma recordação da minha mocidade. Se a narração se animar, não será pela arte do narrador, nem pelo talento do historiador, mas sim pelo caracter excepcional do meu heroe, que era simplesmente um couteiro.

Eu nasci no meio de uma bella floresta mui abundante de caça. Meu pae, grande caçador, quiz que eu tambem o fosse, e talvez com esse intuito me poz uma espingarda nas mãos sendo eu ainda criança. Na idade de doze annos já eu era um habil *ladrão de coutada.*

Digo que era ladrão de coutada, porque quasi

sempre caçava de emboscada: a minha pouca edade oppunha-se a que eu obtivesse um *porte d'armas;* não tinha importancia para ser convidado pelas pessoas que podiam passar sem mim; e por ultimo, o intendente da floresta de Villers-Cotterets, bom e excellente homem, á memoria do qual serei sempre reconhecido pela amizade que me consagrava; que era meu parente, e me estimava de todo o coração, vendo que era melhor, para o meu futuro, estudar as *Georgicas* e o *de Viris*, que matar coelhos com *faca de mato*, ou *dobrar os tiros* sobre as perdizes, tinha ordenado aos couteiros, que nunca, sem ordem expressa de seu proprio punho, me deixassem caçar nas suas tapadas.

Mas tudo isto não impedia que eu caçasse, ou antes, como já disse, que fosse um ladrão de coutada. Minha mãe, que participava inteiramente das opiniões do intendente a meu respeito, e, além d'isso, receiava sempre os accidentes a que podia expor-me, tinha a minha espingarda debaixo de chave



Alexandre Dumas aprendendo a caçar

m'a confiar senão nos dias de gala, nos dias de permissão especial, nos quaes, como recompensa do meu estudo da semana, M. de Violaine (era o nome do intendente) vinha dizer-me:

—Vamos, Dumas, pernas a caminho, meu amigo, mas não nos habituemos a isto; é só hoje, e porque o abbade se mostrou satisfeito das tuas lições.

Ah! aquelles dias é que eram de grande gala. Calçava as minhas longas polainas de caçador, envergava a minha veste de cotim, punha a carniceira a tiracolo, e ao hombro a minha linda espingarda de um cano, que tinha sido de meu pae, e atravessava ufanamente toda a cidade, ao lado os caçadores, por entre o latido das nossas matilhas, e dos comprimentos das pessoas que nos conheciam, as quaes chegando á porta nos gritavam: Boa caçada!

Mas esta graça especial apenas me era concedida uma vez por mez. Quando já me era penoso caçar um dia só em cada trinta, para os outros vinte e nove dias, tinha eu achado meio de substituir a espingarda *encarcerada* por outra arma de minha invenção. Era uma pistola grande do tempo de Luiz XIV, á qual tinha adaptado uma coronha. De tarde, ao sair da eschola, mettia a coronha na algibeira, e o cano debaixo da veste, levando porém o meu arco ou o meu pião na mão, para que se não suspeitasse o

que ia fazer; depois, quando já ia em distancia de não poder ser visto, deixava em qualquer canto o pião e o arco, deitava a correr até aos limites da floresta, alli estirava-me de bruços entre as silvas do vallado, armava a minha nova espingarda, que já tinha carregado com antecedencia, e punha-me á capa.

Se algum coelho tinha a infelicidade de vir espairecer a distancia de vinte e cinco passos do meu posto, era fuzilado redondamente. Se por acaso surdia uma lebre, escusado é dizel-o, tinha egual sorte. Um dia saíu do bosque um cabrito montez, e, digâmol-o aqui entre nós, teve a mesma sorte do coelho e da lebre.

Estas peças de caça serviam-me para mimosear alguns amigos que, com o fim de se repetirem os presentes, me forneciam polvora e chumbo.

Depois, dil-o-hei tambem, quasi todos os couteiros d'aquella floresta tinham caçado com meu pae, e não se haviam esquecido da sua liberalidade; outros tinham sido soldados e servido com elle, obtendo pela sua influencia os logares que exerciam. Em summa, todos estes homens de bem, que viam em mim disposições para vir a ser tão generoso como o *general* (era sempre assim que elles designavam meu pae), tinham-me respeito e amizade. Portanto convidavam-me algumas vezes a acompanhal-os nas rondas que faziam ás coutadas; depois, quando os seus cães de mostra ficavam *parados* com algum pobre coelho na *camada*, olhavam em torno de si para ver se alguem nos observava, e mettiam-me logo uma espingarda nas mãos. Eu então avançava para o lado opposto da moita contra a qual Castor e Pyramo estavam *parados*, dava um pontapé no mato, o coelho *saltava*, e quasi sempre o pobre animal, que tinha passado a noite n'uma toca, passava a tarde n'uma cassarola.

Entre estes couteiros havia um que se chamava Bernardo, e, porque habitava na estrada de Soissons, a legoa e meia de Villers-Cotterets, n'uma pequena casa que o intendente Violaine tinha feito construir para o seu antecessor, chamavam-lhe Bernardo da Casa-Nova.

Era elle na epocha a que me refiro, isto é, em 1818 ou 1819, um gentil moço de trinta e dois annos, pouco mais ou menos; tinha uma physionomia onde se manifestava a candura da alma; cabellos loiros, olhos azues, e densas suissas que lhe guarneciam admiravelmente a cara sempre alegre. Além d'isto era de airosa figura, e devia á harmonia dos seus membros uma força hercúlea citada por toda aquella redondeza.

Bernardo estava sempre prompto, e prompto para tudo, tanto de dia como de noite; Bernardo sabia, com differença de cincoenta passos, pouco mais ou menos, aonde eram os *chiqueiros* de todos os javalis da sua tapada; porque Bernardo era um d'estes homens que, como Bas-de-Cuir, podem seguir o rasto durante muitas horas. Quando o ponto de reunião para a caça era na Casa-Nova, e se devia *atacar* o animal a um quarto de legoa distante d'alli; se tinha sido rastejado ou *emprasado* por Bernardo, sabia-se com antecedencia que animal teriamos de caçar, se era um terçanno [1], um farropo [2], uma porca, ou um javali; se a porca estava occupada, e desde quando se achava n'esse estado. O solitario [3] mais astucioso não poderia encobrir-lhe seis mezes da sua idade. Era uma notabilidade digna de se conhecer, especialmente para os caçadores parisienses que de tempos a tempos nos vinham procurar. É verdade que para nós outros, caçadores camponezes, que haviamos feito o mesmo estudo, embora tivessemos a consciencia da nossa inferioridade, a coisa parecia menos extraordinaria.

Todavia Bernardo não era para nós menos que um oraculo.

(Continua)

[1] Javali de tres annos.
[2] Javali novo que já não mama.
[3] Javali velho que nunca se encontra em companhia de outros, pois os bate e espanca para longe dos seus dominios.

Notas do Traductor.

UM REI PORTUGUEZ DE PEGÚ E O FAMOSO PAGODE DA BIRMANIA

Na gloriosa epocha das nossas conquistas, houve um portuguez valoroso, o capitão Salvador Ribeiro de Sousa, que foi eleito rei de Pegú, antes da sua encorporação no vasto imperio birmanico. D'este successo temos uma notavel relação que se intitula: «Breve discurso em que se conta a conquista do reino de Pegú, na India oriental, feita pelos portuguezes em tempo do viso-rei Ayres de Saldanha, sendo capitão Salvador Ribeiro de Sousa, chamado Massinga, natural de Guimarães, a quem os naturaes de Pegú elegeram por seu rei no anno de 1600.»

Logo que o grande Affonso de Albuquerque tomou a cidade de Malaca, enviou Ruy da Cunha a assentar pazes com o rei de Pegú, que depois se ratificaram com mais solemnidade em 1519, por via de Antonio Corrêa, que alli foi com grande apparato, dando o rei as suas capitulações em uma folha de oiro batido. E para se jurarem estas pazes, diz João de Barros, que o nosso enviado se servíra de um Cancioneiro, que era de certo o de Garcia de Resende, porque não havia a bordo missal para tal acto! É para notar a ingenuidade com que o nosso chronista conta isto. Diz elle:

«E porque em a nau não havia outro livro que fizesse maior pompa, por ser de folha de papel inteira, que um Cancioneiro de trovas imprimidas, em o qual estavam as obras que os fidalgos e pessoas d'este reino, que tinham veia para isso, té aquelle tempo tinham feito, quiz Antonio Corrêa levar antes este livro que o breviario do clerigo (o capellão da nau), ou algum livro de rezar, que na vista do gentio que era presente parecia pouca coisa, e que não ornamentavamos bem as palavras da nossa crença.»

Foi este reino de Pegú conquistado primeiro pelo rei de Sião, e depois pelo de Tangut.

Estando no dominio d'este tyranno, aportou alli uma armada del-rei de Aracão com perto de cem baixeis, em cujo serviço, além de outros portuguezes, andava Filippe de Brito de Nicote com o cargo de changá, que valia o mesmo que védor da fazenda, havendo negociado por espaço de quasi vinte annos n'aquelles reinos como mercador. Tendo com elle tomado amizade Salvador Ribeiro de Sousa, discorreram ambos sobre o miseravel estado a que se achava reduzida uma monarchia tão opulenta; exposta a quaesquer estrangeiros se assenhorearem de seus fertilissimos campos, e riquissimos contratos das minas visinhas, cuja prata, oiro, e pedraria estava saindo dos seus portos.

Como tudo isto redundaria em gravissimo damno do estado da India, que áquelle tempo tinha necessidade de possuir algum reino em terra firme, e o mais conveniente era aquelle, por ser abundante, visinho de Malaca, chave de todo o sul, d'onde as nossas fortalezas podiam ser providas sem esperarem pelo tardio e vagaroso remedio de Goa, que tantas vezes as punha em risco; pareceu-lhes que seria de grande importancia fazer junto da barra do rio Sirião uma fortaleza, de cuja fábrica e defesa se quiz encarregar Salvador Ribeiro, em quanto Filippe de Brito ia tratar d'este negocio com o vice-rei da India. Com

este intento pediu Filippe de Brito licença ao rei de Aracão para alli fabricar uma casa ou feitoria, onde elle e os outros portuguezes e christãos da terra (que ao todo seriam sessenta) podessem recolher suas fazendas. Nenhum obstaculo poz o rei, e logo Salvador Ribeiro começou a edificar um baluarte de madeira terrapleno, encobrindo cuidadosamente ser elle capitão de guerra.

Descoberta, porém, a astucia do portuguez, mandou o rei juntar uma frota de cem navios pequenos, com seis mil homens de armas, para arrazar a fortaleza, e desbaratar os portuguezes. Tanto que Salvador Ribeiro soube d'isto, mandou concertar tres bateis velhos que alli tinham deixado uns mercadores, e com trinta soldados portuguezes providos de escopetas, alcanzias de polvora, e lanças de fogo (porque não tinha artilheria), partiu pelo rio acima a encontrar-se com o inimigo. Deu n'elle de improviso com tal bravura, que o poz em fuga, ficando em poder dos nossos soldados trinta lagoas (galés), e outras embarcações menores com seis peças de artilheria. Alcançada esta victoria, se tornou Salvador Ribeiro para a fortaleza, reparando-a e petrechando-a o mais que pôde. Não o deixou, porém, o inimigo folgar muitos dias. Com gente fresca veiu levantar uma fortaleza fronteira á nossa, em que assentou treze peças de artilheria. Não pôde Salvador Ribeiro impedir aquella fábrica, por ter poucos soldados, e o inimigo muitos. Conservou-se na defensiva, esperando o reforço que mandára buscar a Goa por Filippe de Brito. Seis mezes estiveram por este modo cercados os nossos, repellindo os successivos assaltos d'aquelles barbaros. A fome e trabalhos que já padeciam os sitiados, não tendo para comer senão arroz negro sem sal, obrigou alguns a representarem ao capitão que deixasse o forte, pois não era possivel defender-se, visto dilatar-se tanto o soccorro de Goa, e que não quizesse que todos alli morressem á fome, porque, em taes termos, não se devia chamar esforço, antes temeridade imprudente. O nosso capitão, mostrando-lhes que era impossivel não acudir o vice-rei da India a tão importante occasião, prometteu-lhes, que se em termo de oito dias não viesse soccorro, deixaria aquella praça, e lhes seria em tudo companheiro. Não tinha elle n'aquelle tempo mais que cinco portuguezes, sete nativos da India, filhos d'estes, e seis topazes, nome que alli davam aos christãos que não tinham sangue portuguez.

Finalmente, depois de oito mezes que os nossos soldados, com sobrehumana perseverança, sustentavam aquella fragil fortaleza, aportou á barra uma nau de mercadores portuguezes, e poucos dias depois mais sete com cinco galeotas. Por aquelles navios, em que vinha boa e luzida gente, escreveu o vice-rei Ayres de Saldanha a Filippe de Brito, agradecendo-lhe os trabalhos que o nosso capitão Salvador Ribeiro passára pelo serviço del-rei, e em remuneração lhe mandou patente de capitão e conquistador de Pegú. Com esta gente, repartida em tres batalhões, ordenou Salvador Ribeiro se accommettesse a fortaleza inimiga. Como n'aquelle dia Salvador Ribeiro fazia officio de capitão general, tinha-se vestido de gala á hespanhola — «posto sobre o colete de anta peito espaldar, deitado á ilharga um alfange com as guarnições de oiro massiço, pendurado por uma liga de tafetá côr de oiro; no braço direito outra liga verde, insignia de esperança, a qual, movida do vento, parecia uma formosa aza; na cabeça resplandecente morrião ornado com vistosas plumas; embraçado um escudo de fino aço, com outra espada larga que tomára ao pagem; casaca e calções de brocado; meias e ligas amarellas; sapatos brancos: e como era mancebo, a barba de côr castanha, o rosto córado, e bem proporcionado corpo, levou atraz de si os olhos dos proprios soldados e dos inimigos.»

Investiram os tres batalhões a fortaleza que resistiu desesperadamente; mas a final foi entrada dos nossos, e vencida com grande perda de parte a parte.

Reparando-se d'esta derrota, voltaram os inimigos com quinhentos cavallos e oito mil infantes, além de muitos aventureiros, os quaes, cercando por todas as partes a nossa fortaleza n'uma noite, com alaridos e algazares, ao som de infinitos instrumentos de guerra deram principio a novo assalto, arremessando lanças, disparando arcabuzes, e deitando medonhas bombas de fogo de tão perto, que alguns ficaram cozidos em azeite e agua a ferver, que lançavam do alto. Ardia a terra em fogo (segundo diz um escriptor nosso), o ceo bramia com alaridos, a claridade da lua era impedida pelo lume das escopetas, bombas, e artilheria do inimigo, e da do nosso forte, que atirava ás soberbas machinas que se iam chegando, sem as balas serem bastante para lhes impedir o curso. Estavam os nossos em perigo de succumbir, quando perto da meia noite, estando os inimigos no maior fervor do combate, o incendio de uma das suas machinas ateado subitamente, lhes causou tal pavor, suppondo ser effeito sobrenatural, que desampararam o arraial com todos os petrechos.

Não estavam ainda os nossos restabelecidos do cançaço d'esta victoriosa facção, quando o rei de Massinga, principe descendente dos de Pegú, intentou recuperar aquella monarchia dos seus antepassados: para esta pretenção se lhe offereceram os seus parentes e alliados, julgando facil empreza, assim pelo pouco poder dos nossos, como pelo amor com que os naturaes o haviam de servir como a seu senhor. Contam que vinha prevenido para todo o acontecimento, com cento e cincoenta navios e dez mil homens de armas. Logo que o nosso valente capitão Salvador Ribeiro foi avisado da vinda d'aquelle rei e do intento que trazia, para se anticipar com vantagem ás forças do inimigo, julgou acertado dar-lhe batalha no mar, onde por causa da artilheria se tinha por mais livre de perigo, que deixar-se cercar na fortaleza, e pôr a gente da terra em estado de padecer fome ou passar-se ao inimigo. Por este effeito, deixando cem portuguezes de muita confiança na fortaleza, escolheu quinze embarcações em que metteu cento e cincoenta soldados, providos de boas escopetas e munições. Considerando o logar em que a armada do inimigo tinha ancorado, advertiu, que era de traz de uma ponta que o rio fazia, e que indo junto á terra de voga surda, poderiam os nossos dar n'elle sem serem presentidos, até virem ás mãos. N'esta ordem partiu uma noite, e chegou á armada inimiga já de dia, e a tempo que a mais da gente já estava na varella ou pagode de Negum, occupada em superstições e bailes. El-rei Massinga, como tinha sido o primeiro na offerta e sacrificios, estava já na sua galé, e foi tão desgraçado, que entre os poucos que pelejaram, deixou a vida nas mãos do venturoso Salvador Ribeiro, e com o proprio reino as pretenções do alheio.

Saltaram os nossos em terra, e os inimigos sobresaltados do inopinado rebate, fazendo pouca resistencia, deram em fugir mettendo-se pelos mattos, deixando em poder dos vencedores aquella grande multidão de navios, com sete peças de artilheria.

Recolhendo-se o nosso capitão alegre e victorioso para a fortaleza, fez publicar que a todos que viessem á sua obediencia trataria com suavidade e justiça, e não com as vexações e injustiças de que seus barbaros reis costumavam usar com os vassallos, das quaes eram lamentaveis testimunhas as desertas cidades e despovoados campos de Pegú, que elle havia de tornar á sua frequencia, formosura e dignidade. Pu-

blicou-se isto entre os naturaes, e foi bastante para que em breves dias viessem á obediencia quinze *banhas*, que são os titulares, e duzentos *ximins*, que são os capitães, e tanta multidão de gente, que dezeseis mil visinhos começaram logo a fazer povoação em volta da nossa fortaleza.

Por este tempo, o antigo rei de Pegú foi morto pelo de Tangut seu cunhado, em cujo poder estava; tanto que d'esta morte souberam os *banhas* e os *ximins*, vendo as grandes victorias que Salvador Ribeiro tinha alcançado, pareceu-lhes que se o tivessem por seu rei e senhor, ficariam amparados e seguros, principalmente attrahidos da justiça e rectidão que elle usava para com todos.

Confirmava-lhes esta opinião a affabilidade com que eram tratados, e sobretudo o favor que tinham certo nos portuguezes, com a abundancia e riquezas que sua amizade tinha trasido aos que se souberam aproveitar d'ella no Oriente. Communicaram este intento com el-rei de Tangut, verdadeiro pretendente do reino de Pegú em razão de sua mulher ser irmã do rei morto. E elle não só approvou o parecer dos titulares, mas desistindo do seu direito a favor de nosso capitão, mandou um védor da sua fazenda com a ola de oiro, que é uma folha ao modo de lamina, com a qual costumam coroar os reis.

Á chegada do védor, juntos todos os *banhas e ximins* em acto publico, com estrondo de atabales e todos os instrumentos que na terra usavam, pondo-lhe a ola na cabeça, foi o nosso Salvador Ribeiro de Sousa acclamado rei Massinga de Pegú, prostrando-se todos os que estavam presentes por terra, e d'alli por diante foi tratado e obedecido como verdadeiro rei, usando de chapeo branco com cairel de oiro, insignia só de reis, com grande satisfação, não só dos peguanos, mas ainda dos reis visinhos e pretendentes d'aquella coroa; porque o de Tangut lhe mandou por seu embaixador apresentar uma salva de oiro, a que os naturaes chamam bátega, na qual os reis do Oriente costumam trazer, o bethel, que é uma folha aromatica, cujo sumo misturado com certo fructo chamado aréca, que tem o sabor de maçã de cypreste, temperado com cal de ostras, tudo amassado com agua rosada, mascam continuamente para fortificar o estomago (dizem elles).

Depois d'esta espontanea acclamação tratou Salvador Ribeiro de fazer uma grande fortaleza para assegurar o nosso poder. Em pouco tempo a concluiu, trabalhando diariamente em tamanha obra cinco mil homens de serviço, fóra a gente d'armas que pelas manhãs e tardes trabalhava alegremente, ajudada do capitão. O vice-rei da India lhe mandou cem soldados, pedreiros, e mais officiaes para perfeição do edificio, e foi este o primeiro e ultimo cabedal que o estado gastou em tão memoravel conquista. Já acabada a fortaleza, chegou áquelle porto Filippe de Brito Nicote, em um navio com pharol e bandeira de capitão-mór. Logo Salvador Ribeiro saíu a recebel-o, e entregar-lhe a fortaleza e reino, porque assim o mandára o vice-rei na patente de que já fizemos menção.

Foi este (diz o auctor anonymo da conquista de Pegú), um dos mais subidos toques de lealdade e grandeza de animo que tem succedido em muitos seculos; porque se não é novo pagar-se em Portugal com ingratidão o superabundante merecimento, foi novo e não visto depois de tantos exercitos vencidos, cujos capitães principaes Salvador Ribeiro teria morto por suas mãos, o honrar com o sangue que elle derramára a Filippe de Brito, o qual seguro e regalado, estava d'alli mais de duzentas legoas, sem entrar em Pegú todo o tempo da guerra, e agora, que estava em paz, vir gozar do proveito e honra alheia, não foi esta ingratidão, porque não digamos affronta, bastante para com animo socegado e obediente largar a outrem o titulo e terra que com tanta honra alcançára por meio de extraordinarios perigos.


Pagode de Rogan

Por esta succinta resenha das heroicidades de Salvador Ribeiro de Sousa, se vê que o nome d'este grande capitão devêra ser mais celebrado pelos nossos historiadores da India e mais conhecido do publico.

O reino de Pegú, com quanto faça ainda geographicamente parte do imperio birmanico, ou dos birmãs, como lhe chamam os nossos escriptores da India, está hoje possuido, ou antes usurpado, pela famosa companhia ingleza.

O pagode birmanico que representa a nossa estampa, é um dos templos mais célebres d'aquella região; á similhança da mesquita de Méca, todo o birmã é obrigado a ir alli em peregrinação ao menos uma vez na vida.

A razão é porque se guarda n'elle o fac-simile de um dente de Gautama, que é uma das encarnações do Budha.

O verdadeiro dente d'este idolo (que é um dente de elephante), dizem que está na China.

Um antigo rei birmã mandou um grande exercito á China para que lhe pozessem para alli aquella reliquia, mas não o tendo conseguido, o devoto budhista, contentou-se com um milagroso duplicado. Eis o que constitue a celebridade d'este pagode, cuja estampa foi copiada de uma photographia feita pelo artista que acompanhou a embaixada ingleza, que em 1859—foi ver se podia cercear ainda mais as possessões do rei de Avá.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.